

Apresentou O Porto do Mindelo no trabalho forçado nas roças de S. Tomé: uma ligação atlântica³, Hilarino Carlos Rodrigues da Luz, (CHAM, Centro de Humanidades, NOVA FCSH/UAç) ⁴ (CHAM, Centro de Humanidades, Nova FCSH/UAç)

1. Resumo

A seca, a fome e a monotonia criaram nos cabo-verdianos a necessidade de procurarem alternativas para os seus problemas do dia-a-dia, usando o Porto do Mindelo como local ideal para a transposição do “horizonte” cabo-verdiano. Na procura ininterrupta de soluções para essas agruras, a governação portuguesa estimulou a emigração para S. Tomé e Príncipe, que só de forma ilusória resolveu os seus problemas, conforme tivemos a oportunidade de constatar aquando de uma missão de investigação que realizamos no país, no âmbito do projeto CONCHA. Assim, pretendemos, com esta comunicação, abordar alguns vestígios do quotidiano de alguns cabo-verdianos em algumas roças de S. Tomé.

Palavras-chave: Cabo Verde; São Tomé e Príncipe; cabo-verdianos; contratação; exploração.

2. Introdução

O presente artigo, que resulta de uma missão de investigação de um mês que realizamos na República Democrática de S. Tomé e Príncipe, no âmbito do projeto CONCHA, financiado pela União Europeia, têm como principal propósito argumentar a importância do Porto Grande do Mindelo no trabalho forçado nas roças do país, que também se localiza no Oceano Atlântico. Assim, ele terá como base a releitura de algumas reflexões sobre o país, em apreço, e algumas referências a algumas entrevistas que fizemos aquando dessa missão. Desta feita, faremos um breve enquadramento do Porto do Mindelo, abordaremos as roças de S. Tomé e Príncipe, no geral, e apresentaremos umas breves considerações finais.

3. Porto do Mindelo

Ora, localizado na cidade do Mindelo, ilha de S. Vicente, com os seus estabelecimentos de combustíveis e com a instalação dos depósitos de carvão, o dito porto, também conhecido por Porto Grande do Mindelo, assumiu capital importância na economia cabo-verdiana, visto que, durante muito tempo, esteve na base de todas as movimentações importantes dentro e para fora do país, como se nota na seguinte transcrição da crónica “Porto Grande – Velho Tema”, de Jorge Barbosa:

De há muitos anos, com intermitências, mas sempre com entusiasmo, ouço falar, por aqui e por estas ilhas, do Porto Grande, da sua importante contribuição na economia da Província e das obras nele necessárias, aliás já previstas ou visionadas pelos nossos avós, pelos nossos pais, por nós e por nossos filhos também. (Luz, 2022, p. 74).

É de salientar que a abertura do Canal de Suez e a realização de obras de melhoramento nos portos vizinhos, nas décadas de vinte e trinta do séc. XX, aliada ao uso de outros combustíveis, como o fuel, numa grande crise de movimentação de barcos estrangeiros, teve consequências dramáticas na economia da ilha e do país. Essas obras fizeram o Jorge Barbosa reivindicar obras nesse porto para que pudesse acompanhar o que foi feito nos dos vizinhos, visando impedir o desvio das escalas que os barcos faziam no Mindelo. Na sua perceção, essa discussão já era antiga, mas que não estava a ter um resultado prático:

[Quer] dizer que de tempo a tempo o assunto volta à baila, animando as conversas, enflorando os artigos dos jornais, inflamando os discursos. Todos retomam e conclamam o velho tema. E quando tais revoadas acontecem, a sua origem foi qualquer boa nova que chegou até nós, na pessoa de algum viajante ou ao abrigo discreto da mala postal, atravessando assim, em arco marítimo, as milhas atlânticas que nos separam do Tejo. (Luz, 2022, p. 74).

O jornal *Notícias de Cabo Verde* também reivindicou melhorias no porto para que conseguisse recuperar a sua relevância na economia nacional, já que os rendimentos obtidos nele eram uma fundamental fonte de riqueza do país, que viu a sua situação económica agravada com o fim da emigração para os Estados Unidos da América (Luz, 2013):

A vida económica e financeira de S. Vicente depende das condições em que estejam os portos concorrentes. Se há dificuldades no abastecimento de combustíveis aos vapores que os demandam, o nosso Porto Grande beneficia-se largamente de avultada navegação. [...]

Temos, assim, de procurar remédio pronto e oportuno para a decadência observada, pois que as receitas resultantes da atividade marítima constituíam a principal fonte de riqueza de Cabo Verde. Sem elas, é precária e muito contingente a existência das nossas ilhas, mais acentuadamente depois do encerramento da emigração para as Américas, sobretudo para os Estados Unidos. (Miranda, 1946, p. 1).

Em função da perda de importância do Porto de S. Vicente, e a consequente crise económica da ilha, a Câmara de S. Vicente solicitou ao governo, em 1944, a abertura de trabalhos públicos de modo a ajudar os mindelenses, como se nota no seguinte pedido:

Aumentando o número de desempregados em S. Vicente, em consequência da presente crise, da falta de navegação no porto de S. Vicente e da suspensão quase total das obras das Forças expedicionárias, resolveu a Câmara, por unanimidade, por proposta do Vogal Sr. Dr. Luiz Terry, solicitar a Sua Exa. O Governador a abertura de alguns trabalhos públicos, nesta ilha, de reconhecida utilidade geral, como entre outros, os seguintes:

- I . Melhoramento e macadamização da estrada entre a Salina e o Lazareto.
- II. Reparação e macadamização da Avenida Dr. Oliveira Salazar entre a rua Camões e a Praia da Matiota.
- III. Beneficiação e macadamização entre a estrada da Matiota e o sítio de João Ribeiro.

³Artigo publicado no âmbito do projeto CONCHA (EU H2020-MSCA-RISE-2017 research and innovation programme under grant agreement Nº 777998).

⁴CHAM, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa, 1069-061 Lisboa. [HTTPS://ORCID.ORG/0000-0001-5694-5781](https://orcid.org/0000-0001-5694-5781).

[...]

Aplaudimos a resolução da Câmara Municipal, que vem muito a propósito da atual conjuntura.

Oxalá o Governo da Colónia adote as providências necessárias à menorização das dificuldades da população da ilha de S. Vicente (A CÂMARA MUNICIPAL SOLICITA ABERTURA DE TRABALHOS PÚBLICOS, 1942, p. 1).

Houve, com a perda da sua importância, um aumento do desemprego, situação que se complicou com a dificuldade dos emigrantes, que atingidos por uma grande crise mundial e, especialmente, com o dito fim da emigração para os Estados Unidos da América, dado o peso que tinha na economia nacional, deixaram de poder ajudar os seus familiares. (Luz, 2013). O poema “Irmão”, de Jorge Barbosa testemunha o fim dessa emigração:

Cruzaste Mares

Na aventura da pesca da baleia,

nessas viagens para a América

de onde às vezes os navios não voltam mais.

[...]

A América...

a América acabou-se para ti...

Fechou as portas à tua expansão!

Essas Aventuras pelos Oceanos

já não existem...

Existem apenas

nas histórias que contas do passado,

com o canhoto atravessado na boca

e risos alegres

que não chegam a esconder

a tua

melancolia...

(Barbosa, 2002, p. 62).

O dito porto também tinha uma grande importância na dinamização cultural do país, já que permitia a entrada de professores, cientistas, escritores, músicos, diretores de jornais, e livros de referência internacional. Podemos, por exemplo, destacar revistas, como *Presença*, *Mundo Português*, *Comércio do Porto*, *Diário Popular*, *Diário do Norte*, *Novidades* e *República*. (Luz, 2013). Também era responsável pela saída de cabo-verdianos que viam na emigração como sendo a única solução possível para os seus problemas, assim como na entrada dos que voltavam de férias ao tempo, de em determinados momentos, ainda conseguirem acompanhar a comemoração da passagem de ano, representada pela ideia de “S. Silvestre” que autores como Jorge Barbosa e Baltasar Lopes da Silva abordaram na sua poesia. Para este assunto, veja-se, por exemplo, “O rapaz do leme”, do primeiro autor, onde sublinha que o vento ajudou esse rapaz a acompanhar a noite festiva de passagem ano de em Cabo Verde. Terá a oportunidade de dançar com a moça que da outra vez ofereceu um anel “de prata”:

E se o vento não falha,

se o vento não falha o navio fundeará dentro em pouco tempo.

e o rapaz do leme ainda tem tempo

de ir ao baile que estava marcado

para esta noite festiva de S. Silvestre.

E dançará com a moça bonita

a quem trouxe na viagem passada

um anelzinho de prata....

[...]

(Barbosa, 2002, p. 77).

Veja-se, igualmente, “Recordai do desterrado no dia de S. Silvestre de 1957”, de Osvaldo Alcântara, pseudónimo de Baltasar Lopes da Silva:

Vocês todos que estão dormindo acordem.

Acordem os que vivem e os que morrem

nesta hora.

Acordai, acordai. É Nicolau

que vos vem dar as boas festas. Ele é cego,

ele é louco, é Mário Doido, é Benjamim,

e já perdeu a data de morrer.

Acordai, acordai.

Ele é S. Silvestre que vos vem oferecer

O presente que não pusestes na sua saca de S. Jorge.

(Alcântara, 1949, p. 39).

O Porto do Mindelo com muitos contrastes em autores cabo-verdianos, caso do poeta Terêncio Anahory que também evoca a sua importância nos locais, pautou vários momentos no quotidiano cabo-verdiano no século XX, já que era a partir dele que muitos locais foram trabalhar nas roças de S. Tomé e Príncipe, uma viagem que era feita em condições miseráveis causando muitos problemas aos viajantes.

4. Roças de S. Tomé e Príncipe

É sabido que a seca, a monotonia do dia-a-dia e a decadência do Porto Grande do Mindelo criaram nos cabo-verdianos a necessidade de buscarem soluções para os seus problemas, usando o mar como via para produzirem mudanças nas suas vidas. Foi nesse âmbito que o regime colonial vigente ativou a emigração para S. Tomé, que só de forma ilusória resolveu os seus problemas, conforme tivemos a oportunidade de constatar aquando de umas entrevistas que realizamos a alguns cabo-verdianos que se encontram em lares de idosos sob a responsabilidade da Santa Casa da Misericórdia da República de S. Tomé e Príncipe, havendo a destacar a Cozinha Social da Roça Água Izé⁵; o Centro Dia Padre Silva de Ribeira Afonso⁶ e o lar Dona Simoa Godinho⁷. Além de termos entrevistado alguns cabo-verdianos, visitamos algumas roças, como Roça Monte Macaco⁸, Roça de S. Nicolau e Roça Água Izé⁹, Roça Monte Café, onde ainda encontramos muitos cabo-verdianos ou seus descendentes.

Os relatos certificam as dificuldades enfrentadas por ambos desde a partida do arquipélago. Ambos consideram que foram enganados pelos contratadores que os prometiam uma situação económica diferente da que tinham. Muitos saíam das suas ilhas e faziam escala no Porto do Mindelo, de onde partiam para as diferentes roças do país. Chegando em S. Tomé e Príncipe ficavam amontoados numa casa onde, posteriormente, eram escolhidos pelos senhores em função de número de trabalhadores pretendidos. Antónia, uma senhora que partiu de Cabo Verde que, atualmente, vive na Roça de S. Nicolau, e que, inicialmente, trabalhou na Roça de Água Izé, roça que conta cabo-verdianos como sendo uma parte significativa da população, além moçambicanos e angolanos, refere que deixou o seu país para trabalhar em S. Tomé e testemunha que apesar de não ter trabalhado em Cabo Verde recebe um apoio do país de três em três meses num programa implementado pelo antigo Primeiro-Ministro de Cabo Verde, José Maria Neves, atual Presidente da República de Cabo Verde. No seu caso, acabou por não fazer essa viagem por considerar que os familiares que lá tinham acabaram por morrer e que atualmente não conhece ninguém em Cabo Verde, mas que lamenta essa situação.

Segundo, a própria, os trabalhadores faziam tudo o que lhe mandavam fazer. Os que levavam castigos eram os que não gostavam de trabalhar. No seu caso, em particular, que chegou com 18 anos de idade, não foi castigada porque realizava as tarefas que lhe pediam. Para que pudesse conseguir fazer a viagem, precisou obter uma identidade falsa, facto que acontecia com muitos que iam trabalhar nas roças santomenses. Testemunha, ainda, que era difícil enviar algum dinheiro para Cabo Verde e que de três em três anos obrigatoriamente tinham de regressar para Cabo Verde e que só depois é que podiam voltar a S. Tomé. As mulheres, com um salário diferente, do dos homens, faziam um pouco de tudo. O dia iniciava-se “burocraticamente” às 7h00 da manhã. Mesmo estando a chover, tinham que se apresentarem ao serviço obrigatoriamente. As pessoas andavam descalças, o que só complicava a situação e muitas morreriam em acidentes causadas por quedas de árvores, sobretudo na época das chuvas. (Antónia, 2022).

Essa nossa estadia no país fez-nos perceber que esses trabalhadores de diferentes nacionalidades merecem ser ajudados, já que os seus testemunhos nos remetem para uma situação que pode ser vista como sendo uma de escravatura no século XX. Assim, é possível pensarmos na reivindicação de uma indemnização e numa vida digna para ambos, já que a miséria é notada desde o vestuário a habitação e problemas psicológicos, dado os traumas provenientes da exploração a que estavam sujeitos. Essa emigração assumiu grande importância a partir de 1902 quando Francisco de Paula Cid, então Capitão-tenente da Armada e governador do território, definiu 4\$800 réis para os passaportes para quem objetivava ir aos Estados Unidos da América, sendo que para os que pretendiam ir para Angola e S. Tomé apenas era necessário o bilhete de identidade. Isso esteve na base de uma saída em massa para S. Tomé e Príncipe, sobretudo no ano de 1947 que ficou marcado pela saída de muitos locais que foram trabalhar nas roças, na plantação do cacau, do coconote, do café e do óleo de rubro das palmeiras, assumindo-se como um outro drama para a população (Luz, 2013), já que muitos saíram de lá mais pobres e com graves problemas de saúde física e mental, conforme referimos anteriormente e que tivemos a oportunidade de constatar aquando da nossa presença no país.

Para a saúde mental, veja-se a seguinte transcrição da parte 1 do poema “Romanceiro de S. Tomé”, de Osvaldo Alcântara, pseudónimo de Baltasar Lopes, citado anteriormente, onde retrata alguns problemas psicológicos que “Nicolau” sofria aquando do seu regresso para Cabo Verde, numa tentativa de denunciar a dura realidade vivida:

*Filho
Nicolau, menino, entra
Onde estiveste, Nicolau,
O teu brinquedo morto?*

*Nicolau, menino, entra
Vem dizer-me onde foi que tu estiveste
e a estrela fugiu das tuas mãos.*

Tens comigo o teu catre de lona velha.

⁵Trata-se de uma lar que oferece refeições à idosos, sendo que mais de metade são cabo-verdianos que foram trabalhar nas roças e que por lá ficaram a viver em condições miseráveis. Muitos deles gostariam de regressar para Cabo Verde, mas perderam o contacto com os familiares e não dispõem de condições de acolhimento, conforme nos foi relatado entre maio/junho de 2022.

⁶Em visita ao lar em maio-junho de 2022 fui recebido com o mítico Bulauê de Ribeira Afonso.

⁷Este lar, assim como os outros, está superlotado de idosos, sobretudo com antigos trabalhadores das roças de S. Tomé.

⁸Roça Monte Macaco é considerado um pequeno Cabo Verde dentro S. Tomé. É um sítio onde muito se fala a língua cabo-verdiana, conforme tivemos a oportunidade de testemunhar. Falamos com cabo-verdianos de diferentes ilhas e que assumem um papel importante aquando das eleições em Cabo Verde. Há um grupo de batucadeira que tem vindo a assumir um papel importante na divulgação da cultura cabo-verdiana no país.

⁹Nesta roça, segundo a tradição oral, há um buraco que se chama Boca do Inferno, que era onde os colonos viajavam para Portugal. Nesse inagrário, o Amílcar Cabral foi o único que africano que conseguiu viajar para fora aquando de uma das suas passagens por S. Tomé e Príncipe.

Deita-te, Nicolau, o fantasma ficou lá longe.

*Dorme sem medo
Porão, roça, medos imediatos,
tudo ficou lá longe.*

*[..]
onde deixaste
o corpo que te conheci?
(Alcântara, 1958, 39).*

Desta feita, surgida com a “aparência” de reduzir a carência de emprego em Cabo Verde e a falta de trabalhadores nas roças de São Tomé, as dificuldades dos que saíam, com o anseio de prosperarem economicamente, só aumentavam. Elas foram explicadas por Jorge Barbosa na crónica “Serviçais”, onde refere que iam às centenas e que essa partida era marcada com a cantiga de mornas cabo-verdianas:

Mais algumas centenas partiram, rumo a S. Tomé. Dizem que é cena triste a partida deles. [...]. Que palavras lhes poderia dizer para que a saudade deles fosse menos pungente e o seu otimismo mais vivo? Que palavras lhes poderia dizer para com elas suavizar o peso que suportam no coração e tornar-lhes mais viva a esperança que têm na alma. Sei que levam violões e cantigas pela viagem. Mas não julguem que são cantilenas choramingas essas músicas que vão cantando. Pelo contrário, são as nossas mornas, quase sempre irónicas e contentes. O que poderá acontecer é que a voz, mesmo na alegria, traia qualquer coisa que ficou lá no fundo. (Apud Luz, 2022, p. 102).

Este assunto também é abordado por ele no seu longo poema “Memorial de São Tomé: sueltos poéticos”. Trata-se de uma abordagem que resulta da sua experiência como delegado do Governo de Cabo Verde aquando de um acompanhamento de um grupo de cabo-verdianos que se deslocou para essa ilha (Luz, 2013). Mostra o seu descontentamento ao referir que seria mais fácil celebrar o santo que deu o nome a S. Tomé do que abordar a terrível experiência dos seus “irmãos” (Barbosa 2002, 400), como se nota na seguinte transcrição:

*São Tomé, Santo prudente
não sois vós que eu celebro
no meu canto desesperado.*

*A ilha, sim, distante,
que tem o vosso nome,
aonde vão os mais pobres
e humildes da minha terra,
fugindo aos males e à fome
ainda sem remédio
destas ilhas esquecidas.*

*Homens, mulheres, crianças,
Contam-se aos centos partindo,
em levas organizadas pela Soemi poderosa,
amontoados nos porões
da nossa frota imperial
[...].
(Barbosa, 2002, p. 400).*

Essa dura realidade também é abordada por Gabriel Mariano no poema “Caminho longe”, onde lamenta a existência de sangue e o regresso de muitos cabo-verdianos que não acontece:

*Caminho
caminho longe
ladeira de São Tomé
Não devia ter sangue
não devia, mas tem.*

*Parados os olhos se esfumam
No fumo da chaminé.
Devia sorrir de outro modo
o Cristo que vai de pé.*

[...]

*Caminho
caminho longe*

*ladeira de São Tomé
Devia ser de regresso
Devia ser e não é.
(Mariano, 1993, p. 73).*

Voltando ao poema “Memorial de São Tomé: sueltos poéticos”, de Jorge Barbosa, podemos dizer que ele denuncia a ida de muitos trabalhadores cabo-verdianos para esse país numa hipotética tentativa de dissiparem as dificuldades vividas no arquipélago, mas que, como é sabido, acabaram por deixar o seu “suor barato” nas roças porque, embora São Tomé e Príncipe fosse considerado fertilíssimo, a base da sua riqueza residia nesse tipo de trabalho, que simbolizava uma espécie de escravatura no século (Luz, 2013).

Foram os mais pobres - homens, mulheres e crianças, que iam às centenas, em levadas organizadas pela Sociedade de Emigração para São Tomé e Príncipe, SOEMI: “Em levadas organizadas / pela Soemi poderosa, / amontoados nos porões / [...]”. (Barbosa, 2022, p. 400). Aberta na ilha de Santiago, em 1903, fez com que o ganho dos contratadores fosse tanto maior quanto o número de trabalhadores inscritos para as roças¹⁰. Iam persuadidos pelo panorama exótico santomense e por promessas de proventos que não se concretizavam. Os seus representantes andavam de ilha em ilha à busca de trabalhadores. Persuadia-nos com ideias fantasiosas, com a oferta de abonos, roupas, esteiras, cobertores e com a oferta do bilhete da viagem a par de um adiantamento em dinheiro, com o fundamento de que estavam a salvar a população da pobreza e da fome.

O desamparo determinou essas viagens por um povo que havia perdido todas as expectativas de um amanhã melhor. Não serviu, porém, para resolver as suas dificuldades, acabando por sair da penúria das ilhas para viver na miséria de São Tomé. Ficavam totalmente a mercê do contratador já que iam sem o bilhete de regresso ao país. Convencidos pelos organizadores das levadas, iam com a expectativa de que iriam conquistar dias melhores, como acontece em qualquer tipo de emigração. No entanto, se não fosse a sua religiosidade, a coragem de quem já tinha enfrentado muitos problemas, o espírito alegre, manifestado em cantigas, danças das ilhas, a sua presença nessas roças teria sido ainda mais dramática. Embora tenham enfrentado um quotidiano muito difícil, contribuíam para o desenvolvimento da agricultura nesse país, já que representavam uma mão-de-obra barata. Segundo alguns testemunhos que recolhemos, muitos santomenses acreditam e defendem que o grande problema atual na prática agrícola no país é justificado pelo facto dos cabo-verdianos mais velhos já não se encontrarem em condições de trabalharem as terras, ou porque muitos morreram e ou porque os seus descendentes não manifestam o mesmo gosto pela terra.

O lado trágico dessa existência manifestava-se em castigos aplicados pelos capatazes, mordidas de insetos, exploração, fome, entre outras, explicando a comparação dessa travessia com a escravatura que fizemos anteriormente. A única diferença é que os que iam nessa altura tinham pequenos privilégios que, antes, os outros não tiveram. Veja-se que também partiam amontoados nos porões como animais, apenas com o “privilégio” de poderem contar com uma esteira, um cobertor, um prato e uma colher e de não estarem acorrentados.

Os referidos representantes da SOEMI limitavam-se, apenas, a angariar os trabalhadores e a calcular a percentagem que iam arrecadar por cada pessoa. Refira-se também que por vezes levavam mulheres grávidas. Muitas crianças acabavam por nascer durante a travessia. As dificuldades desses trabalhadores foram diminuídas graças à interferência da ONU. No entanto, os encarregados e governadores continuaram a aplicar-lhes estalos e palmatoadas, como forma de lhes ditar a ordem. Pode ver-se também a censura à crença de que os negros e brancos são irmãos. Em S. Tomé, tudo era complicado e difícil, desde a lei do indigenato, aos castigos infligidos às pessoas, até à chuva que era constante e abundante. São, portanto, situações que fazem parte de uma história comum aos dois países, que se sentiam obrigados a aplaudir António de Oliveira Salazar e Marcelo Caetano.

De um modo geral, o cabo-verdiano emigrava para fugir à vida miserável que levava nas ilhas, mas aquilo que encontrava era outra vida de sofrimento. Foram classificados como serviçais humildes, e ficavam com pernas, braços e mãos endurecidos de tanto trabalhar. As colheitas eram transportadas, por eles, na cabeça, aos ombros e às costas.

Assim, devido aos maus-tratos e à saudade dos familiares e amigos, acabavam por voltar para o arquipélago em piores condições do que aquelas em que tinha aquando da partida. Muitos deles regressavam com filhos, com escassos alguns utensílios caseiros e com pouco dinheiro. (Luz, 2013).

Considerações finais

Procuramos, com este artigo, abordar a importância do Porto do Mindelo no trabalho forçado nas roças de S. Tomé e Príncipe.

Para o efeito, fizemos o seu enquadramento numa ligação atlântica com o país em apreço, referenciamos algumas roças com base em algumas entrevistas que realizamos aquando de uma missão ao país realizada em maio-junho de 2022.

Em suma, podemos dizer que muitos desses trabalhadores que foram trabalhar nessas roças dispõem de uma situação miserável e que merecem maior atenção por parte dos países envolvidos nessas contratações.

Referências bibliográficas

A CÂMARA MUNICIPAL SOLICITA ABERTURA DE TRABALHOS PÚBLICOS. 1942. *Notícias de Cabo Verde, S. Vicente*, 12, 214, p. 1.
Alcântara, Osvaldo. 1958. *Romanceiro de S. Tomé. Claridade*, 8, pp. 34-39.
Barbosa, Jorge. 2002. *Obras poéticas. Org. de Arnaldo França e Elsa Rodrigues dos Santos. Lisboa: INCM.*
Barbosa, Jorge. 2022. *Crónica de S. Vicente: serviçais. In Luz, Hilarino Carlos Rodrigues da. Prosa dispersa de Jorge Barbosa. Lisboa: CHAM EBOOKS // Estudos # 3, p. 102.*
Luz, Hilarino Carlos Rodrigues da. 2013. *O imaginário e o quotidiano cabo-verdianos na produção literária de Jorge Barbosa. Dissertação de Doutoramento apresentada à FCSH - Universidade NOVA de Lisboa.*

¹⁰Não se sabe ao certo quanto ganhavam, mas sabe-se que a SOEMI pagava uma quantia certa por cada serviço contratado. Na década de quarenta pagava entre 10\$00 e 150 \$ 00 por cada trabalhador.